

MARX, WEBER, HOBSBAWM E A RECONSTRUÇÃO DO PARAGIMA DA HISTÓRIA

Jorge Nóvoa¹

Na história da historiografia do século XX é visível que uma concepção evolucionista, positivismo e mecanicista predominou nas obras de história econômica e social e nas obras de economia e sociologia ao longo do século XX. Foram influenciadas em grande parte por ideologias oriundas da II Internacional social-democrata, ou da III Internacional dominada pelo estalinismo e denominada pelos críticos de **marxista vulgar** ou ortodoxo. A corrupção promovida pelas referidas fontes ideológicas, às quais deve ser associada a influência liberal de diversos matizes, não pode ser subestimada nessa historiografia, sobretudo quando tais influências são associadas à teoria de Marx. A rigor, no dizer do próprio Hobsbawm, uma verdadeira historiografia marxista sempre foi um fenômeno minoritário. Segundo suas próprias palavras:

O grosso do que consideramos como influência marxista sobre a historiografia certamente foi marxista vulgar no sentido acima descrito. Consiste na ênfase geral sobre os fatores econômicos e sociais na história, dominante a partir do fim da Segunda Guerra Mundial apenas em uma minoria de países (por exemplo, até recentemente, a Alemanha Ocidental e os Estados Unidos), e que continua a ganhar terreno. Devemos repetir que essa tendência, embora sem dúvida produto da influência marxista, não tem nenhuma ligação com o pensamento de Marx.²

Por quê então Hobsbawm insiste em denomina-la de historiografia marxista? Neste “ista” acha-se consolidadas tantas deformações. É mais correto cientificamente usar o método de recusar palavras e noções como *marxista* e *marxismos*, independentemente da origem que tenham. O amálgama nefasto feito entre a teoria e o método científico de Marx, com tudo aquilo que até bem pouco tempo era chamado de “socialismo real”, exige um procedimento mais rigoroso, que, aliás, foi o do próprio Marx em seu tempo quando afirmou que ele não era marxista. Tratou-se aí, não de pedantismo, mas de uma demarcação teórico-política.

É necessária a crítica também, em relação aos chamados pontos de convergências entre o Materialismo Histórico e o Movimento dos *Annales*. Do mesmo modo se aquilatar a posição da chamada Nova História, a do pós-estruturalismo e também a do pós-modernismo, sobretudo quando se considera que muitos historiadores de ofício com posições extremadas jogam fora a própria história enquanto ciência. Preferem considerar a história como uma ilustração da memória.

¹ Professor do Departamento e Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Coordenador da Oficina Cinema-História, editor de www.olhodahistoria.ufba.br

² HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 161

Ao avaliar esses movimentos, deve-se inclusive considerar o grau de originalidade relativa que encerram em relação a outros movimentos, como o romântico, por exemplo. Contudo, tais correntes nos oferecem contribuições válidas, também. Suas abordagens diversas, às vezes mais, às vezes menos, nos tem feito refletir sobre um cem número de questões que de outro modo o historiador não se deteria, considerando-as questões de meta-narrativas, metafísicas, ou simplesmente sem importância. Não é possível negar a importância da Nova História na abertura de novos canteiros para o historiador, de novas problemáticas. Muito menos é possível negar a fragmentação e a hiper-especialização que o saber histórico sofreu sob a influência da Nova História Cultural. Nem sempre é fácil capturar com equilíbrio o ponto dialético desse movimento desigual e realizar um balanço justo, correto.

Se cada uma dessas Escolas Historiográficas deixou inevitavelmente contribuições, do mesmo modo, a teoria e o método histórico de Marx, parece longe de haver esgotado seu potencial crítico, sua potência metodológica e seu acúmulo científico. Se parece longe o momento em que a teoria de Marx possa vir a ter uma influência política importante como considera Hobsbawm no seu *MANIFESTO PELA RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA*³, não é possível negar sua auto-sustentação científica. Ela vem se mantendo influente pela força da sua coerência interna e pelo alcance e transcendência das suas conquistas científicas. **Não é possível no processo de reconstrução de um novo paradigma para a história, se contornar a Marx.** Seu rico aporte à questão da subjetividade na história, por exemplo, aporte esse largamente subestimado vez que construído de modo desigual também, ao longo de toda sua obra, precisa ser reapropriado. Mas quer nesse domínio, quer especificamente, e, sobretudo, na apreensão-explicação do fenômeno histórico do capitalismo, é impossível ultrapassá-lo agora. Sobretudo, porque a pedra de toque de sua **teoria da modernidade capitalista** continua intacta, assim como a **teoria da mais-valia** como única possibilidade para explicarmos a fase atual de decadência capitalista que semeia a barbárie e a morte em todos os quadrantes do planeta. A teoria de Marx permanece como única possibilidade de explicação conseqüente do fenômeno da dominação do capital fictício e da atual fase de acumulação mundial dominada pela acumulação de valores fictícios.

Todavia, se grande parte dos prognósticos de Marx se confirmaram com uma força extraordinária, o peso do evolucionismo social-democrata e da persistência mais ou menos inconsciente do que sobreviveu do estalinismo a mesclar sua ideologia com a teoria de Marx

³ Colóquio da Academia Britânica sobre Historiografia Marxista, em 13 de novembro de 2004. Cf. *El Diplo-Rebellion* de 06/01/2005.

para ganhar legitimidade e ampliar sua influência, pesa negativamente sobre a ciência histórica. O fim da história tem sido para elas, em sua maioria esmagadora, o horizonte capitalista. Desse modo, a capacidade que potencialmente tem a história de prever outros estágios de evolução que não o horizonte de longuíssima duração braudeliana do capitalismo, fica, por assim dizer, comprometida. Por isso tudo a verdadeira Nova História ou um verdadeiro processo de renovação-reconstrução da historiografia científica não pode prescindir desse percurso avaliativo. Não se pode fazer *tábua rasa* de todo esse passado. Por isso **a formulação mais correta não é a da renovação pura e simplesmente da historiografia, mas sim a reapropriação de suas melhores aquisições e a reconstrução de seu paradigma.**

Nesse processo se o lugar das aquisições de Marx é fundamental, e será ainda mais vigoroso exercendo-se uma relativização crítica às contribuições dos historiadores que buscaram aplicar e desenvolver a concepção, o método e conquistas científicas marxianas, observando nesse processo a prática dos outros movimentos historiográficos. Os condicionamentos históricos gerais são fundamentais para a observação do fenômeno historiográfico e esta nos mostra que não existe historiografia que não seja, em alguma medida, presentista.

HOBSBAWM E A RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA

Devido a importância que adquiriu Eric Hobsbawm no cenário mundial da reflexão sobre a história seria necessário algumas páginas a mais para comentar sua intervenção em uma de suas últimas aparições públicas quando lançou o seu *Manifesto Pela Renovação da História* durante o fechamento do **Colóquio da Academia Britânica sobre Historiografia Marxista**, em 13 de novembro de 2004. Dentre as idéias que defendeu algumas são muito importantes, muito embora não sejam, à rigor, verdadeiramente novas. O que parece realmente importante é a reação às concepções relativistas que, como consequência de iniciativas diversas⁴ e em diversos quadrantes do planeta, estão cada vez mais na defensiva. É também importante a identificação de uma conjunção condicionante entre a fase neoliberal e uma certa hegemonia do relativismo pós-moderno. Segundo Hobsbawm parece longe uma nova onda de adesão ao marxismo, através de uma motivação política, no que tem razão. Da mesma forma tem razão também quando acentua que, entretanto, não se deve cair numa espécie de centrimos-ocidental. Deixa-nos ler nas entrelinhas que ele também concorda que a teoria e o método de Marx têm sobrevivido graças à sua potência interpretativa. Entretanto, se equivoca – retomando suas teses sobre Weber já em

⁴ WOOD, Ellen Meiksins e FOSTER, John Bellamy. *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

*Sobre História*⁵ - quando afirma que Max Weber completa a Marx, como se isso fosse um ato voluntário e desejado pelo autor da *Ética Protestante*⁶. Essa não parece ser a posição de Wood em seu livro *Democracia contra capitalismo*⁷, nem a de outros autores, como Mészáros ⁸. Weber em 1918 deu um curso em Viena intitulado *Crítica Positiva da Concepção Materialista da História*⁹. Karl Mannheim dizia de Weber que ele era o Marx da burguesia. Sua mulher (e biógrafa) escreveu que ele tinha por objetivo principal, encontrar uma teoria capaz de substituir o Materialismo Histórico como modelo interpretativo. Gunder Frank entende que são muitos os autores para os quais a teoria weberiana visava acentuar os fatores psicológicos, culturais e religiosos na explicação da ascensão do capitalismo. Ele considera Weber progressista em relação a certas questões sociais, mas em relação a outras, francamente reacionário, como na defesa do nacionalismo e do imperialismo alemão e no seu comportamento como adversário ferrenho da Revolução de Outubro de 1917 e do Materialismo Histórico¹⁰. Este foi seu mais velho projeto. Atravessou toda sua obra, que foi política também. Oriundo de uma família de industriais e comerciantes de Westphalia e teve por pai um liberal de direita que teve cadeira no Reichstag. Em 1916-17, Max Weber participou de negociações oficiosas visando evitar a extensão da Primeira Grande Guerra. Quis uma paz de compromisso, isolar a Rússia em vias da Revolução de Outubro. Depois da derrota dos Impérios Centrais ele vai desempenhar funções de *expert* em Versalhes nos preparativos à redação do famoso Tratado de Paz. Mas sua matriz interpretativa da história e seu método são o de Wilhelm Dilthey que opõe explicação, que seria próprio das ciências da natureza, à compreensão que seria própria das ciências humanas. **Tal matriz diltheyana já colocaria em questão a conclusão que o próprio Hobsbawm tira no seu Manifesto sobre a relação entre ciências naturais e humanas.** No lugar onde Hobsbawm vê continuidade entre as tais ciências – **Marx ainda foi mais radical quando afirma que só conhecia uma única ciência, a ciência da história** – Dilthey e Weber, abrem uma brecha para o subjetivismo, induzindo a história e as ciências sociais a um estatuto menor que aquele das ciências naturais.

⁵ HOBBSAWM, op.cit., p. 181

⁶ WEBER, Max. *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Martin Claret, 2001.

⁷ WOOD, Ellen Meiksins. *Democracia contra capitalismo. A renovação do materialismo histórico*. São Paulo, Boitempo, 2003.

⁸ MÉSZÁROS, István. *Filosofia, ideologia e ciência social. Ensaio de negação e afirmação*. São Paulo, Ensaio, 1993. Ou no *O poder da ideologia*. São Paulo, Ensaio, 1996.

⁹ FOUGEYROLLAS, Pierre. *Sciences Sociales et marxisme: savoirs et ideologie dans les sciences sociales*. Paris, Payot, 1980, pp. 55 a 74

¹⁰ FRANK, Andre Gunder. *L'accumulation mondiale. 1500-1800*. Paris, Calmann-Levy, 1977, pp. 147 a 155

No entanto, não se trata de recusar de modo absoluto o legado de Weber. Sem dúvida alguma os fatores culturais têm um peso importante para fazer rodar as cadeias de funcionamento da história enquanto processo. Que a ética, a cultura e a religião desempenharam uma importância primordial no desenvolvimento do capitalismo não resta dúvida e o próprio Marx não a subestimou. Não se tratava em Marx de negar os fatores subjetivos na determinação dos processos históricos. O capítulo sobre *a acumulação primitiva de capital* mostra isso. Como ele mesmo dizia, **o histórico só é real porque é síntese de múltiplas determinações**, unidade de contrários. Mas Weber, ao considerar a ascese protestante uma base fundamental na formação do capitalismo retira da objetividade das relações sociais objetivadas, a origem do capitalismo e a **coloca nas disposições subjetivas e conscientes a determinação fundamental sempre**. Em Marx, **a idéia de causalidade poderia ser representada por uma espiral que ao “fechar” um “quase-círculo” mudava o valor relativo de cada fator determinante** de um fenômeno. Numa conjuntura particular, e à depender do fenômeno estudado, tal ou qual fator poderia desempenhar um peso relativamente maior que os outros. Essa perspectiva só pode ser observada à partir da idéia de totalização e processo histórico. Portanto, acerca da ascese weberiana, se poderia perguntar também se essa não havia sido a base da vida monacal católica! Ora, para Marx nem a mais-valia é, ela só, a causa do surgimento do capitalismo! É exatamente a consciência da importância da mais-valia para o desenvolvimento do capitalismo que nos impede de enxergar, por exemplo, capitalismo em todos os períodos da história. O lugar central e causal da mais-valia na explicação do lucro capitalista no capitalismo maduro e a existência do capital em outros períodos da história não explicam, contudo a origem do primeiro modo de produção mundializado. É preciso assim, ao distinguir entre capital e capitalismo e localizar as múltiplas determinações que explicam que o capitalismo tenha encontrado sua gênese mais remota a partir do século XV e não antes. Foi para tentar sair do círculo vicioso, mais-valia-lucro-acumulação-mais-valia, que Marx fez obra de historiador ao redigir o longo capítulo da acumulação primitiva de capital, por exemplo. Nele pode-se ver inclusive o papel que as lutas políticas e religiosas desempenharam nesse momento inicial. Ficaria muito reduzido, o feixe de contradições causais e explicativo, se enfatizasse que a colonização do norte da América se favoreceu sobretudo do modelo moral (da Europa do Norte) de colonização em contraposição à colonização católica da América Latina. Esqueceria que os mecanismos triangulares das trocas desiguais entre América Latina, Portugal-Espanha e Europa do Norte e Inglaterra, terminaram beneficiando os últimos em detrimento dos primeiros à médio e longo prazo. Ao acentuar em demasia a ética e a formação das almas no capitalismo ele termina menosprezando o papel da

exploração sistemática da colonização e o papel relativo que a moral católica na América Latina teve na própria acumulação de capital na Europa do norte. Na verdade deve-se buscar o peso relativo que cada elemento teve historicamente no feixe das causalidades explicativas em cada momento dado do processo formativo do capitalismo mundial. É Weber quem diz textualmente na sua *História Econômica Geral*:

*A conquista de colônia pelos Estados europeus promoveu uma gigantesca acumulação de riquezas na Europa, em cada um desses Estados (...) Essa acumulação de riquezas empreendida pelo comércio colonial teve pouca conseqüência sobre o desenvolvimento do capitalismo moderno (...). Em última instância o fator que provocou o capitalismo, foi a empresa coerente, estável, uma contabilidade racional, uma tecnologia racional, uma legislação racional, mais ainda outros fatores igualmente. Os fatores complementares necessários foram o espírito racional, a racionalização das condutas de vida em geral, e uma ética econômica racionalista (...). Dois tipos importantes de exploração se apresentaram: o tipo feudal nas colônias espanholas e portuguesas e o tipo capitalista nas colônias holandesas e inglesas (...). A motivação religiosa teve um papel igualmente sob a forma da repugnância tradicional dos puritanos contra qualquer sorte de feudalismo.*¹¹

Fougeyrollas considera que a explicação weberiana retorna a níveis mais baixos daqueles alcançados pela economia política clássica de Smith e Ricardo¹². Mas Weber continua a merecer uma atenção necessária para os estudos dos historiadores. É preciso fazer uma avaliação mais conseqüente da sua herança, já não mais quanto à origem do capitalismo, mas quanto ao modo particular que concerne às formas de construção de aspectos importantes das superestruturas das formações sociais capitalistas, pelo menos dos espaços e temporalidades que ele estudou. Talvez a preocupação de Hobsbawm esteja aí. Mas por quê tanta necessidade de salvar a Weber. A mesma larga “concessão” faz a Braudel. Ele tem razão, por exemplo, ao chamar a atenção no seu *Manifesto* sobre o grande perigo que ameaça a historiografia atual: o antiuniversalismo que pode se expressar na assertiva, uma verdade é tão válida como a sua oposta, independentemente dos fatos e dos processos históricos nas quais aparecem. Segundo Hobsbawm, e com razão, esse relativismo absoluto seduziu aos grupos identitários nas suas diferentes formas. Para estes o objeto essencial da história não é o que ocorreu e sim em que o que ocorreu afeta aos membros de um grupo particular. Diante disso tem razão Hobsbawm de convocar a “todos que desejam ver na história uma investigação racional do curso das transformações humanas, contra aqueles que a deformam sistematicamente com fins políticos”, neles incluídos relativistas e pós-modernos. E faz questão de afirmar que “o ponto de vista **marxista** resulta num elemento necessário para a reconstrução da **frente da razão**”

¹¹ FRANK, idem., pp. 150-151

¹² FOUGEYROLLAS, idem, pp.62 e 63

considerando-a ainda mais importante do que nos anos 50 e 60 do século passado, uma vez que os *Annales* de Fernand Braudel e a antropologia social funcional-estrutural renunciaram à defesa da história enquanto ciência. Então, por que construir com eles uma frente da razão? Hobsbawm é que ele não consegue desrecalar seus fantasmas estalinistas. Quer aplicar os métodos das frentes populares à investigação histórica. Renuncia assim, à crítica profunda a uma suposta historiografia marxista que foi de fato preenchida pelo evolucionismo e pelo mecanicismo social-democrata e estalinista, como ele mesmo assinala no seu Manifesto. Como proceder então a essa renovação da História sem a exumação de tantos “cadáveres” e seus respectivos fantasmas?

É muito interessante a análise que faz das conseqüências da conquista do DNA. A análise do DNA permite retrair os 10 mil anos da cronologia da expansão do *homo sapiens* bem antes da aparição dos documentos escritos. Mas por quê não tira daí as devidas conseqüências em relação ao lugar de outras formas de documentos não escritos, por exemplo? Segundo crê, o DNA está permitindo a uma revanche lamarckiana contra Darwin, vez que as transformações da vida humana, coletiva e individual, particularmente nas 10 últimas gerações, foram muito importantes para que se possa explicar essas transformações de modo predominantemente biológico e não por fatores sócio-culturais como pensa ser o correto. Mas a relação entre a biologia e a história social não é dialética e em movimento permanente? Se assim é, é possível pressupor que em momentos diversos os fatores possam se alternar. Nada indica que a predominância sócio-cultural seja definitiva. Hobsbawm pensa também que essa nova perspectiva sócio-cultural de ler a relação cultura-biologia nos libera do falso problema de saber se a história é ciência ou não. A nova biologia deu também uma base material para ressaltar a unidade mundial existente na história do mundo o que foi reforçado pelos estudos dos arqueólogos e historiadores da pré-história que consiste em estudar os modos de interação da espécie humana e o meio ambiente e o crescente controle que o homem exerce sobre si mesmo. Hobsbawm tem razão em chamar a atenção para o fato de que isso é recolocar as questões que Marx já havia colocado há um século e meio antes a partir do conceito de **modo de produção** “baseado em grandes inovações tecnológicas de produção, de comunicações, de organização social – e também de poder militar, que são o núcleo estruturador da evolução humana”. Para quem queria defender Max Weber, poderia parecer que aqui Hobsbawm teria tornado-se evolucionista e mecanicista no sentido pejorativo do termo. Busca recuperar as conseqüências de tais descobertas, mas parece não dar nenhuma importância, nesse **processo de construção de uma frente da história racional** à necessidade de se recuperar, por exemplo, a questão do

inconsciente e do desejo na história de um modo geral, e na economia e na sociedade de um modo particular, assim como também na história dos indivíduos. Freud e os avanços da neurobiologia (que colocam abaixo a concepção cartesiana de uma razão pura) estão fora de sua frente da razão. Então sua razão é ou não é só racionalista ou essa questão não lhe incomoda?

Hobsbawm fala também em *história total* que para ele “nunca será realizável”, mas não fala em **história totalizante**. A diferença é significativa. A História não precisa ser total vez que a sua pesquisa, a sua abordagem e exposição são irrealizáveis de uma só vez, mas deve assumir a tensão permanente entre o possível e o estratégico de modo permanente na dialética entre o método e a concepção. Um “novo” paradigma (reconstruído) deve adotar a História totalizante como objetivo estratégico. No *Manifesto*, Hobsbawm termina mais uma vez fazendo, mais que uma concessão a Fernand Braudel ao dizer que ele também se propôs a esse objetivo, confundindo realmente a totalização de Marx com aquela de Braudel.

Conclui o *Manifesto* acentuando as questões centrais que ajudam a explicar a evolução histórica do homem. Sobrevaloriza o núcleo essencial da luta entre as forças da transformação do *homo sapiens*, desde o neolítico até o nuclear. Acentua também as forças que buscaram manter os modos de reprodução da vida social nas diversas **formações sociais** durante esses 10 mil anos, sem mudanças estruturais que favorecessem as classes exploradas e oprimidas. Conclui, todavia, a favor da idéia de que o equilíbrio de forças nas lutas de classes na longa duração se inclina numa direção, de modo decisivo. Esse “desequilíbrio”, que deve se chamar revolução, supera a capacidade de compreensão dos seres humanos. Mas supera também a capacidade de controle das instituições sociais e políticas que as classes dominantes organizam em cada modo de produção e em cada formação social que definem uma época na história. E finaliza dizendo que,

Os historiadores marxistas que não entenderam as conseqüências involuntárias e não desejadas dos projetos coletivos humanos do século XX, talvez possam desta vez, enriquecidos pela experiência prática ajudar a compreender como chegamos a situação atual.¹³

Hobsbawm, não conseguiu liberar-se de seus condicionamentos. Continua acreditando, com todo o “recoo” histórico, na inevitabilidade do estalinismo. Este foi então um mal necessário, ou menor, fruto do atraso Russo? E qual a dose de responsabilidade consciente que se deve imputar à “casta” burocrática que se constituiu social, econômica, política, policial e

13 HOBSBAWM, op. cit.

militarmente em nome da ideologia do “socialismo num só país”?¹⁴ Qual o peso dos fatores conscientes e inconscientes nesse processo? Por quê Hobsbawm não conseguem acertar suas contas com aquele período da história? É impossível ao historiador, sobretudo aquele que quer ajudar à “renovação da história”, à reconstrução do paradigma histórico, contornar essas questões.

A vitórias das revoluções ou de transformações em direção a novas estruturas econômicas e novas formações sócio-culturais confirmam uma **tendência** das mudanças de natureza qualitativas se darem em direção a estruturas sociais e políticas e cultural-produtivas “superiores”, pelo menos até os três primeiros séculos da era moderna. Mas a derrota de todas as revoluções do século XX parece contra-arestar suas vitórias na longa duração da história do *homo sapiens*. Na verdade, a Revolução Francesa que já continha a ação do povo, não realizou sequer o programa máximo do liberalismo. Retrocedeu diante do Thermidor! A Revolução Russa de 1917 que foi obra do povo utilizando os sóviets, também retrocedeu diante de uma contra-revolução totalitária, burocrática e nacionalista. Por isso, não podemos ler o historiador (mesmo sendo ele um grande historiador como é o caso de Hobsbawm) apenas pelo que ele diz de si mesmo e de seu tempo, conscientemente. Qual deve ser a dose de afetividade racionalista que ainda hoje permite Hobsbawm, *a posteriori*, continuar a defender o chamado “socialismo real” como um mal necessário ou menor, quer na própria URSS, quer no leste europeu, quer na Guerra da Espanha¹⁵? Para se perguntar se as conseqüências foram sempre involuntárias, inconscientes e inevitáveis, para todos os militantes da Social-democracia ou dos Partidos Comunistas, precisa-se desrecalcar todos os crimes cometidos em nome do socialismo na história real e na historiografia, sem medos e sem concessões. Existe muito trabalho a ser feito.

RUMO AO “NOVO” PESAMENTO

Hoje a transdisciplinaridade constitui o maior atestado de que, à complexidade dos fenômenos humanos só se pode oferecer uma multiplicidade de abordagens. Isso não significa sempre uma vantagem ou um progresso. Os desvios de rota provocados pelos equívocos cobram o seu preço às nossas existências e à evolução científica. Nem significa que essa multiplicidade deve ser eclética nos seus pressupostos. Sair da crise dos modelos científicos e da crise em geral é uma questão de sobrevivência. É uma questão prática, portanto, no sentido que Marx já

¹⁴ PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. Origens dos privilégios dos apparatchiks na URSS: os novos dados da investigação histórica. In: NÓVOA, Jorge. *A história à deriva: um balanço de fim de século*. Salvador, Edufba, 1993.

¹⁵ HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

colocava nas *Teses sobre Feuerbach*. As crises, todas, têm sido até agora equivalente aos processos de acumulação de energias que precedem os processos de entropia. Desse modo as aquisições das disciplinas ao se transdisciplinarem exigirão novos modelos generalizantes ou simplesmente, que os antigos sejam reconstruídos. Essa parece a fórmula mais adequada, pois nenhum pensamento é tão completamente novo que do anterior não tenha herdado nada, nem tão completamente antigo que seja como uma pura obriedade. Tal reconstrução necessita se apropriar de aparentes “obriedades” e de outras tantas “descobertas”. Uma delas Marx já havia usado para delimitar seu projeto científico e revolucionário. A razão como uma manifestação subjetiva da objetividade da história ou como uma manifestação objetiva na (e da) subjetividade humana.¹⁶ O principal equívoco do materialismo até então, tinha sido considerar a realidade, e mesmo o ato sensorial, sob a forma de objeto, mas não como atividade sensorial humana de modo subjetivo. O lado ativo, para Marx, havia sido desenvolvido apenas pelo idealismo, mas apenas de modo abstrato porque este também não reconhecia a práxis como sensorial. Mas se a ciência é constitutivamente sensitiva, isto permaneceu rejeitado por uma suposta irredutibilidade que tem sobrevivido como garantia de cientificidade. Ao caráter científico da história, ao movimento pendular (objetivismo-subjetivismo) das escolas historiográficas, deve-se fundir a reflexão sobre a única objetividade objetivista que existiria: a da natureza sem consciência de si mesma. Razão e emoção já existem como unidade de um mesmo processo de modo imanente. A história como razão sensorial permite pensar o valor epistemológico das hipóteses como elementos fundamentais para o paradigma meta-cartesiano. O pressuposto de que os sentimentos são também formas de pensamentos, acentua o fato de que a imaginação histórica exige uma nova concepção de prova. Tal imaginação valoriza nas leituras tanto as representações, como o não dito ou o não feito. Marx (sua teoria da mais-valia não tem prova documental direta) deu mostras disso. Esse pressuposto vem sendo comprovado pela neurobiologia e os cientistas sociais e historiadores parecem não querer levar em conta tirando todas as conseqüências¹⁷. A comprovação desse pressuposto - aliada à concepção de que a totalidade é da história concreta e que a história ciência só pode ser totalizante, vez que é realizada metodologicamente na subjetividade do historiador - permitirá um novo patamar bem mais completo e competente para a pesquisa e a exposição dos seus resultados. A utilização das **novas fontes** como as imagens e o cinema, mostram isso de sobra assim como a utilização das novas tecnologias. Mas nem Marx,

¹⁶ COLLIN, Denis. *La theorie de la connaissance chez Marx*. Paris, L'Harmattan, 1996, pp 9-14

¹⁷ DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

nem Freud, nem Michelet, precisaram delas para fundar suas teorias. Weber, por seu turno, se tivesse partido de um outro conceito de história que fosse processual e totalizante não precisaria ter torcido tanto o bastão para forçar a demonstração de que a ética e o desejo de enriquecimento tiveram o peso determinante na fundação e desenvolvimento do capitalismo. Se Fernand Braudel rejeita Marx e se apóia em Weber para fundamentar a tese do capitalismo de todas as épocas e com longuíssima duração é compreensível vez que se achava coerente com seu projeto político. Que Hobsbawm ignore as descobertas da neurobiologia é admissível, mesmo se interessando ele pelas conseqüências trazidas pelo DNA à história enquanto ciência. Que ele queira recuperar Weber e Braudel para uma frente racional em defesa da história enquanto ciência, parece tarefa ingrata, muito embora não diminua em nada a admiração que se possa ter por ele, tanto quanto pelos outros.